



**Educação sexual: difundindo conhecimentos por meio de cartilhas
educativas**

Sex education: spreading knowledge through educational booklets

Ana Carolina de Oliveira Silva

Faculdade de Educação de Crateús/Universidade Estadual do Ceará,
<https://orcid.org/0000-0003-0654-3041>, ana.carolina@aluno.uece.br

Shirliane de Araújo Sousa

Faculdade de Educação de Crateús/Universidade Estadual do Ceará,
<https://orcid.org/0000-0001-7230-6859>, shirliane.araujo@uece.br

Jones Baroni Ferreira de Menezes

Faculdade de Educação de Crateús/Universidade Estadual do Ceará,
<https://orcid.org/0000-0002-9193-3994>, jones.baroni@uece.br

Resumo

A educação sexual ganha pouco espaço no cenário escolar atual. Quando trabalhada, atinge viés apenas biológico. Quando se fala de métodos contraceptivos, no entanto, estes possuem uma função associada ao planejamento familiar, parte geralmente oculta na educação sexual. Ao passo que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), são trabalhadas através do medo e não da informação. Esse trabalho objetivou a construção de cartilhas digitais, por meio do aplicativo Canva.com, abordando IST's, métodos contraceptivos e planejamento familiar e sendo disponibilizadas em repositório de objetos de aprendizagem. As cartilhas apresentam explicações sucintas e objetivas, esclarecendo eficácia, uso e falhas de alguns métodos, principais causadores e sintomas de IST's em geral e a base do planejamento familiar e como encontrá-lo. Assim, o material é apenas um começo do estudo que se deve fazer sobre tais temáticas, no entanto, se mostra interessante e delicado, trazendo temas necessários de debates para a sociedade atual, principalmente voltada a educação sexual.

Palavras-chaves: Material digital; Saúde sexual; Educação sexual.

Abstract

Sex education gains little space in the current school scenario. When worked on, it reaches a biological bias. When it comes to contraceptive methods, however, they have a function associated with family planning, a part usually hidden in sexual education. Whereas ISTs are worked through fear and not information. This work aimed to build digital booklets, through the Canva.com application, addressing STIs, contraceptive methods and family planning and being made available on the EPTEDUC website. The booklets provide succinct and objective explanations, clarifying the effectiveness, use and failures of some methods, the main causes and symptoms of STIs in general, and the basis for family planning and how to find it. Thus, the material is just the beginning of the study that should be done on these themes, however, it is



interesting and delicate, bringing necessary topics of debate for today's society, mainly focused on sexual education.

Keywords: Digital material; Sexual health; Sex education.

1 Introdução

A educação sexual associada à saúde sexual, são campos complementares que, cada vez mais, inserem-se na vida de crianças, adultos, idosos e, principalmente, adolescentes. Sua maior visibilidade, no entanto, desperta parte da população que se encaixa no termo “conservadorista”, que tenta desmerecer e evitar que políticas públicas de acesso à educação sexual cheguem em escolas e atendimentos do SUS, atacando um direito previsto em constituição e ignorado ou burlado atualmente (MISKOLCI; PEREIRA, 2019).

Ainda que de forma um tanto quanto tímida, a educação sexual é realizada em momentos esporádicos da educação escolar. Ferreira e Silva (2020), mostram que quando o assunto é saúde sexual, precisa-se ser visto de forma líquida, ou seja, adaptável a cada tempo, situação e público, sendo efetiva quando conscientiza seu público sobre os riscos à saúde que o tratar equivocado da sexualidade pode causar.

Instintivamente, quando falamos da educação sexual trabalhada com cunho saudável, imaginamos sobre a saúde física e prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis, vertente mais trabalhada na escola, juntamente com a gravidez na adolescência e os métodos contraceptivos. Porém, os três assuntos nem sempre são trabalhados de forma conjunta, dificultando mais sua compreensão e a construção de um pensamento crítico e reflexivo sobre o assunto., visto que um tema acaba dando continuidade ao outro e complementam-se.

Em resumo, os métodos contraceptivos são essenciais para a liberdade sexual segura, que consiste na prevenção de IST's e no planejamento familiar, sendo este, quase nunca apresentados nas aulas de educação sexual em sala de aula. Ramos *et al.* (2018) mostram que o conhecimento sobre esses assuntos não é escasso, no entanto, é bem inferior ao início da vida sexual de adolescentes. Isso significa dizer que existem adolescentes com vida sexual ativa que não fazem uso, tampouco, possuem conhecimentos sobre algum método contraceptivo ou IST's. Tal afirmação, nos faz reconhecer a necessidade de políticas públicas de informação e, principalmente acesso.



Há de salutar que o público necessita de conhecimento e de autonomia quando se trata de sexualidade, sendo a escola, um dos melhores vetores para que esse assunto alcance alunos, pais e a comunidade como um todo (MORIN; LUDKE, 2019).

A temática de sexualidade na escola, contudo, tem relações conturbadas com os documentos norteadores da educação. Assis, Souza e Barbosa (2021) apontam que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), responsáveis por nortear a educação desde o final da década de 1990, são incisivos em diferentes questões sobre sexualidade e na importância em tratá-la de forma mais afetiva, no entanto, o atual documento que rege a educação Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino da sexualidade é omissivo, apresentando apenas cunho biológico, restringido a área de Ciências/Biologia.

Para mais, na disseminação da sexualidade dentro da escola, há um empecilho iminente: a falta de materiais didáticos sobre o assunto. Oliveira e Oliveira (2018), ressaltam que a falta de materiais didáticos para com a sexualidade afeta diretamente a forma de orientação nas salas de aula, e que o boicote a presença da sexualidade em materiais didáticos vem crescendo desde o golpe que tirou Dilma Rousseff da presidência, juntamente com o aumento da bancada conservadora. Em contrapartida, Morin e Ludke (2018), reafirmam que o uso de materiais didáticos é essencial para a educação sexual.

Pensando nisso, esse trabalho visou a elaboração de duas cartilhas digitais, cujo conteúdo abordasse IST's, métodos contraceptivos e planejamento familiar. A escolha da elaboração de uma cartilha como material didático se deu devido ao fato de que a leitura é fator essencial para a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade (FERNANDES; MELO; NASCIMENTO, 2020).

Assim, esse trabalho tem como objetivo a criação de cartilhas que orientem, informem e direcionem sobre o que são IST's, métodos contraceptivos e planejamento familiar, ressaltando os principais pontos, utilizando-se de uma abordagem por entendimento, e não por medo/intimidação, como geralmente é abordado em alguns poucos materiais didáticos disponíveis.

2 Metodologia

Esse estudo enquadra-se como uma pesquisa metodológica que, segundo Baffi (2018), trata-se de uma pesquisa que tem o intuito de apresentar novas metodologias, novas ideias, para o meio científico.



As duas cartilhas foram produzidas a partir de materiais públicos, disponibilizados na *internet*, sendo copilados em um documento ao qual uniu informações cientificamente comprovadas, a fim de evitar possíveis *fake news*. Além das informações adicionadas, as fontes das pesquisas se encontram referenciadas ao final de cada cartilha. O material está disponibilizado no site do projeto EPTEDUC¹.

O material é dividido em duas cartilhas sendo a primeira delas, denominada de “IST’s e métodos contraceptivos”, que contém 13 imagens, preconizando sobre o que são os métodos, sua eficácia e taxa de falha, facilidade de acesso ao método, e sobre as IST’s, como preveni-la, a importância em reconhecer sintomas e tratamentos e, principalmente a prevenção combinada; e a segunda cartilha sobre “Planejamento Familiar”, contendo 5 imagens, apresentando o conceito de planejamento familiar, como ele é ofertado, enfatizando-o pelo SUS, empecilhos apresentados na história desse direito e o debate sobre a legalização do aborto; Respectivamente, os materiais possuem 20 e 11 páginas cada um, com cores predominantemente azul e rosa, em tons claros.

O aplicativo utilizado para elaboração das cartilhas foi o Canva.com, variando no tamanho de fontes de acordo com o a designação que lhes era dada – título, subtítulo, texto ou legenda. As fontes usadas foram *Eczar SemiBold*, *Open Sans Light* e *Payfair Display*, a multiplicidade de fontes é atrelado ao fator visual, para que a legibilidade não seja afetada por nenhum elemento disposto na cartilha. Tais elementos foram postos com o intuito de dinamizar a cartilha, para que esta seja visualmente atrativa e didática. Ademais, o material possui textos curtos para que sua leitura seja fluida e não cansativa.

A seguir, será descrito sobre os assuntos tratados em cada cartilha individualmente, confrontando-os com a literatura.

3 Cartilhas educativas: caminhos de criação

As cartilhas elaboradas configuram-se como materiais didático digitais que, segundo Cardoso e Girafa (2018), são indispensáveis atualmente, compondo um aspecto da diversidade de formas de aprender em meios digitais, trazendo consigo aspectos

¹ Link para acesso às cartilhas: <https://sites.google.com/uece.br/epteduc/in%C3%ADcio/roa-reposit%C3%B3rios-de-objetos-de-aprendizagem/folders?authuser=0>.



mediáticos, interação, fontes diferentes e tantos outros benefícios para uma aprendizagem de qualidade.

A construção das cartilhas contou, primeiramente, com a capa de cada material (Figura 1) que traz signos de mãos e cores expressivas, assim como elementos gráficos disponibilizados no próprio aplicativo, referente aos métodos contraceptivos (pílulas, camisinha...), às IST's (vírus, bactérias, protozoário) e a diversidade de modelos nas famílias atuais.

A intenção da simbologia, foi união e acolhimento, representado pelas mãos, ao passo que os elementos do aplicativo, visaram reproduzir a diversidade, tanto familiar na presença de diferentes modelos atuais de família, quanto a diversidade de métodos e causadores de IST's, para que haja uma primeira familiarização com o tema.

Figura 1 – Capas das cartilhas sobre “Planejamento familiar” e “IST's e métodos contraceptivos”



Fonte: Elaborada pelos autores.

Seguida das páginas correspondentes as capas, encontrava-se a folha de rosto, com nome e brasão da instituição, e os nomes correspondentes a autoria e orientação do material. E a folha de prefácio de cada cartilha, adiantando quais assuntos seriam tratados a seguir.



Relacionado as questões conceituais das cartilhas, estas são iniciadas com duas músicas que podem caracterizar os assuntos tratados no material, sendo escolhido, para a primeira cartilha, o trecho da música “Amor e sexo”, interpretada pela cantora Rita Lee, que aborda em sua letra, o sexo como algo bom, prazeroso e seguro; e a música “Sexo”, interpretada pela banda Ultraje à Rigor, cuja a letra se refere ao tratamento do sexo pela sociedade, como algo ilegal e sujo, culminando em indivíduos desinformados; Assim, as duas músicas mostram que o sexo não deve ser tratado como “errado”, mas sim, deve ser conversado com os demais.

Para iniciar a segunda cartilha, referente ao planejamento familiar, foi-se utilizado a música “Família”, interpretada pela banda Titãs, que aborda a diversidade familiar; e a música “Sem saúde”, de Gabriel O Pensador, que trata da problemática do SUS em atender famílias e programas voltados para ele e, principalmente, na falta de atendimento a famílias de baixa renda.

O papel da música na cartilha assume-se na proximidade do leitor para com o conteúdo que será tratado, sendo de cunho cultural, porém também se assume como desenvolvedor de identificação afetiva e social, tal como maior susceptibilidade e compreensão do assunto seguido (SILVA; SILVA, 2019).

Os próximos tópicos tratarão de assuntos particulares de cada cartilha, enfatizando os pontos principais e mostrando algumas páginas do material, confrontando com a literatura, a importância de cada assunto ser tratado dentro da sexualidade.

3.1 Cartilha de IST's e métodos contraceptivos

A cartilha referente a métodos contraceptivos e IST's inicia-se com uma explicação prévia do que são IST's e métodos contraceptivos. Para o Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, vinculado ao Ministério da Saúde, as IST's são patologias causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Elas são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) com uma pessoa infectada, sem o uso correto de preservativos, ou ainda da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação (BRASIL, 2021a). Já os métodos contraceptivos, segundo a Secretaria de Atenção à Saúde Primária, também vinculada ao Ministério da Saúde, são mecanismos físico e/ou químico que evitam a



gravidez, ajudam no planejamento familiar e/ou evitam a transmissão das IST's (BRASIL, 2021b).

Assim, inicialmente, a apresentação desses conceitos é para que os leitores compreendam a atual designação da sigla e para o que servem, em sua totalidade, os métodos contraceptivos (Figura 2).

Figura 2. O que são IST's e métodos contraceptivos?



Fonte: Elaborada pelos autores.

As páginas seguintes do material, dedicaram-se a descrever sobre métodos contraceptivos, traçando uma linha sobre sua eficácia e falha, modo de uso e onde é encontrado (Figura 3), separando-os em dois grupos: os hormonais e os não hormonais.

Há uma importância oculta na compreensão do significado, antes de saber do que são compostos. Marchezini *et al.* (2018) apontam o conhecimento deste como ponto de partida para conhecer seus prazeres, limites e autocuidados com o próprio corpo. Assim, é essencial que as informações sejam oferecidas e explicadas de uma forma clara e útil, ou seja, não é um repasse de informações sobre os métodos, com cunho completamente biológico, é também a apresentação de um método que irá proteger, porém não diminuir a liberdade sexual, tratando o público como o que ele realmente é:



dono do seu próprio corpo e das suas escolhas (CIRIACO *et al.*, 2019). Em outras palavras, a informação por si só, não adianta se não vier associada ao desejo do uso. Conhecer a diversidade de métodos e sua eficácia, é imprescindível para a escolha daquele que mais se encaixa na realidade, aumentando as chances do uso de um método.

Figura 3. Métodos contraceptivos hormonais e não hormonais

Contraceptivos hormonais

Contracepções hormonais são, geralmente, compostas por progesterona ou progesterona e estrogênio, que inibem a ovulação feminina, ou impedem o espessamento do muco, evitando a gravidez



As taxas de erro, são baixas, variando de 9% a 0,1% dependendo do método escolhido. Vemos alguns exemplos a seguir:



As pílulas tem alta eficácia, e ajudam em sintomas como TPM, enxaqueca e cólica menstrual e tem um baixo custo. Porém, devem ser tomadas diariamente para sua eficácia.



O adesivo é colocado sobre a pele e sendo usado por 3 semanas consecutivas e uma sem. Sua troca é semanal. Já o anel funciona de forma semelhante, porém, é inserido na vagina.



A injeção tem durabilidade de três meses, porém, precisa-se retornar a uma clínica para tomar a dose seguinte. Uma desvantagem, são efeitos colaterais relatados, como imprevisibilidade da menstruação.



Contraceptivos não hormonais

Os contraceptivos hormonais podem resultar em efeitos colaterais variados e, alguns estudiosos acreditam que seu uso a longo prazo pode acarretar problemas de saúde.

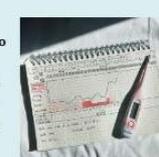


Algumas pessoas optam por não usar métodos hormonais. E como fazem então? Usam de métodos não hormonais.

É importante saber que o método deve se adaptar ao seu bem estar, não o contrário. Apesar de benefícios e malefícios, o primeiro passo é usar o método que você prefere.

Sexo sem penetração: alguns chamam de abstinência, porém ainda há a relação, apenas com estímulos externos e sexo oral ou anal.

Consciência de fertilidade se baseia no monitoramento de dias férteis, temperatura corporal, colo do útero, muco servical e uso de proteção em dias férteis. Não se resume apenas a tabelinha.



O diafragma e o capuz servical são colocados no interior da vagina, no colo do útero, juntamente com espermicida (ineficaz sozinho), impedindo que os espermatozóides façam o percurso de encontro ao óvulo.



Fonte: Elaborada pelos autores



Almeida e Assis (2017) apontam que, apesar de uma grande variedade de métodos, os hormonais, em especial, a pílula anticoncepcional, são os mais utilizados por mulheres, devido a fatores que não alteram a vida sexual, tem um baixo custo financeiro e ainda apresentam uma alta taxa de eficácia. No entanto, os autores apontam que para o uso desse método é necessário conhecimento, visto que traz inúmeros efeitos colaterais. É importante ressaltar ainda que a camisinha também é de fácil acesso e baixo custo, podendo prevenir, além da gravidez, também as IST's, por isso o conhecimento de vários métodos é importante.

Acrescenta-se ainda, como abordado na cartilha, a combinação de métodos, que aumenta a taxa de eficácia geral e consiste no uso de um contraceptivo hormonal somado a um não hormonal. No entanto, essa prática ainda merece ganhar mais destaque, visto que não é muito difundida.

Um exemplo muito comum de mal explicação sobre um método é a observação de fertilidade. Esse método não é hormonal e é considerado “natural”, no entanto, frequentemente se apresenta como “Tabelinha”. A observação da fertilidade, contudo, alcança um patamar diferente, incluindo observar o muco cervical, a altura do colo do útero e a temperatura, a fim de facilitar uma gravidez ou evitá-la (KLOPPEL; ROHDEN, 2021), os dias da menstruação e ovulação também são observados nesse método, ou seja, o uso do calendário para a “Tabelinha”, está incluído, porém não limita a fertilidade a isso.

A continuação da cartilha se dá com a exploração das IST's. Em um panorama geral, apresentam-se os agentes patológicos das IST's, que podem ser vírus, bactérias ou um protozoário, acompanhando-os de sintomas que estão associados a essas infecções (Figura 4).

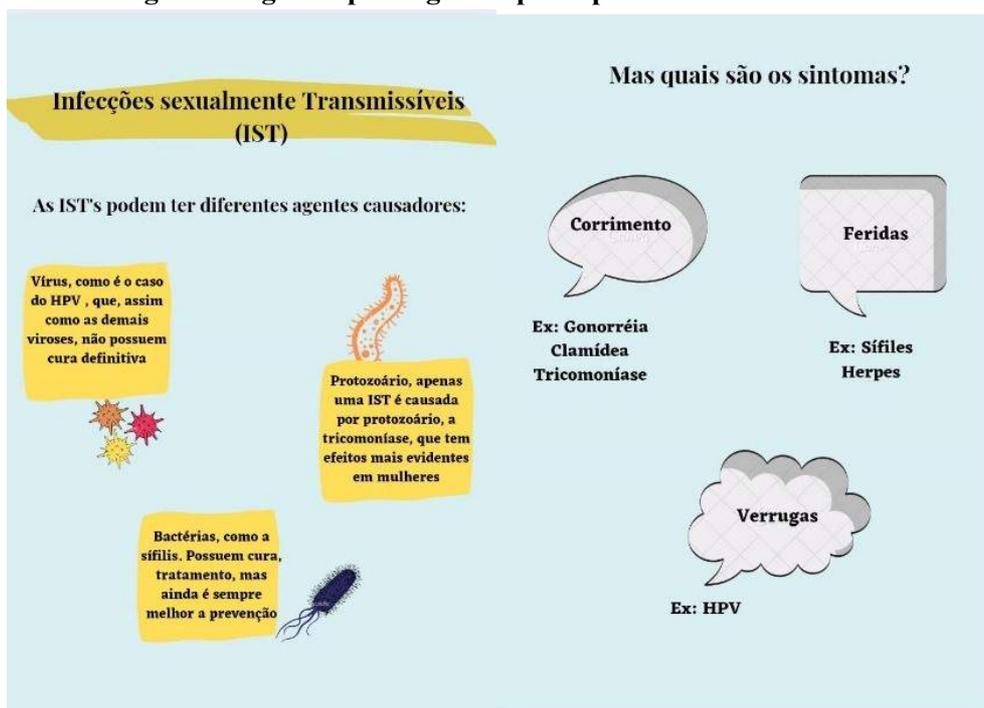
A generalização de sintomas é descrita no site do Ministério da Saúde, também sendo encontrada de forma mais específica. No entanto, o próprio ministério monitora as principais infecções, sendo elas as AIDs, a Sífilis e as Hepatites, controladas anualmente, sendo ainda a AIDs a que mais preocupa, com índices inconstantes ao longo dos últimos 12 anos, mas apresentando redução no ano de 2019.

Apesar do intuito de não abordar infecções em especial, foi dedicado um breve espaço do material para explicar sobre a AIDs/HIV e as Hepatites. Destaca-se que as IST's e sua educação estão geralmente associadas ao medo, o pavor, a ideia do quão



amedrontador é contrair uma IST's (SILVA *et al.*, 2016), ou seja, é uma educação pautada na coerção, “assustar para educar”. A cartilha busca uma abordagem diferente, sem provocação do medo, mas sim, enfatizando, por exemplo, a ideia de que alguém infectado, não necessariamente está com sua infecção visível, por isso, é importante cuidar-se sempre.

Figura 4. Agentes patogênicos e principais sintomas das IST's



Fonte: Elaborada pelo autor

A cartilha traz ainda a informação sobre prevenção combinada, que são comportamentos associados a prevenção de gravidezes não planejadas e/ou IST's, que irão ser combinados entre si, para potencializar sua eficácia, como, por exemplo, o uso do anticoncepcional, associado ao uso da camisinha.

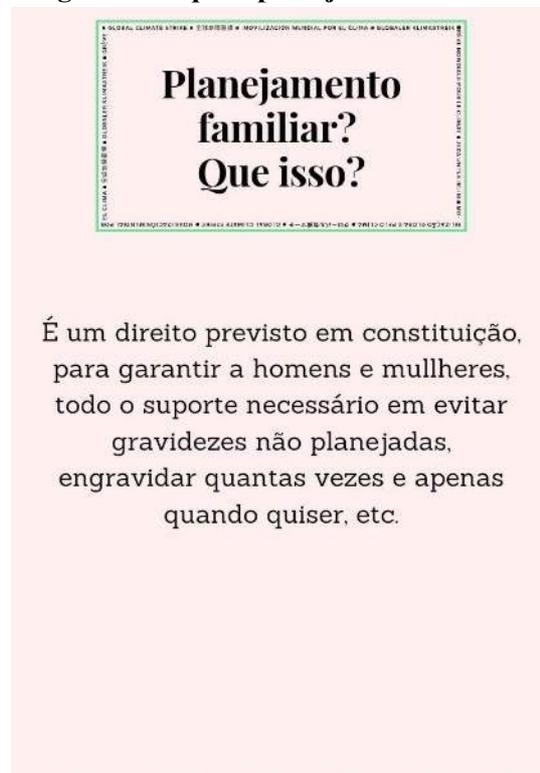
Por fim, a cartilha sugere o documentário “Meninas” (2005), e o livro “Depois daquela viagem” (2006), que abordam a gravidez na adolescência e o convívio de uma adolescente com HIV/AIDS, respectivamente, para aprofundar o assunto, fazendo também o uso de recursos culturais.



3.2 Cartilha sobre Planejamento familiar

Um pouco mais suscita, a cartilha sobre planejamento familiar inicia-se com a explicação do que é planejamento familiar (Figura 5). Uma temática pouco conhecida, mas um direito ofertado por constituição, o Planejamento familiar é essencial, sendo uma das principais finalidades para o uso de métodos contraceptivos, que devia sempre estar atrelada ao seu ensino. Devido ao seu pouco espaço em programas de sexualidade, mas sua alta relevância, foi-se escolhido que o assunto seria tratado a parte, não como uma consequência dos métodos, mas sim como um ramo da sexualidade em si.

Figura 5. O que é planejamento familiar



Fonte: Elaborada pelos autores

Cabe ressaltar que a cartilha se inicia com tal explicação referido a ambos os gêneros, pois, como aponta-nos Mozzaquatro e Arpiri (2017), a construção social perante o papel de homens e mulheres na concepção e prevenção de filhos, faz com que mulheres tenham uma percepção de responsabilidade maior diante desse assunto. Sabe-se que essa responsabilidade, contudo, deve ser depositada em ambos, sem distinção. Tal fato deve ser ressaltado em materiais didáticos como o deste trabalho, para que a responsabilização



pela concepção recaia sobre homens e mulheres.

Outro ponto que o texto introdutório pode considerar é o fato de que o planejamento não é um método só para evitar a gravidez, mas também para alcançá-la, afinal, a gravidez, independentemente da idade, pode ser um objetivo (SCHIMITT *et al.*, 2018). Ou seja, o Planejamento Familiar possui duplo viés: o da concepção e da contracepção. Da Silva *et al.* (2011) deixa claro em sua pesquisa, que o Planejamento Familiar é quase sempre associado para a população, com anticoncepcionais orais e camisinhas. No entanto, é importante demonstrar que o Planejamento familiar, na verdade, é um empoderamento, que permite planejar a concepção quando lhes é confortável (DA SILVA *et al.*, 2011).

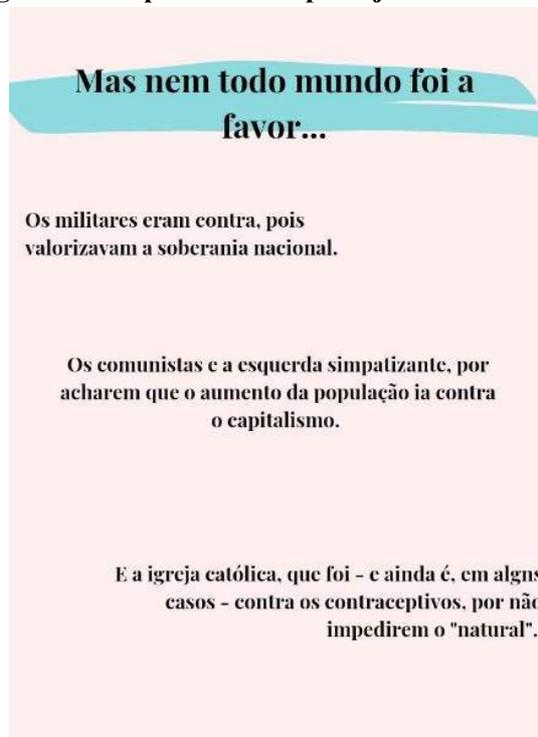
Este é um outro ponto abordado na cartilha, a gravidez pode ser desejada e planejada, no entanto, é importante que, para aqueles que não desejam tal gravidez no determinado momento, o serviço seja ofertado como deveria acontecer pelo SUS. Schimit e seus colaboradores (2018) apontam que o planejamento familiar necessita alcançar, principalmente, o público de baixa renda, que pode ter inúmeros problemas sociais e financeiros acarretados pela gravidez, ao passo que pessoas com base econômica firme, podem sentir esse impacto de forma mais branda.

A cartilha demonstra ainda que o planejamento familiar não é bem-quisto por toda a população (Figura 6), enfatizando os motivos que levam a alguns grupos a não aceitação, enfatizando a igreja, que acaba por assumir um grande espaço na bancada política. Em outras palavras, se a religião assume uma posição política e é contra, as políticas de acesso não tendem a melhorar.

Por fim, o material aborda a polêmica do aborto (Figura 7). O assunto merece destaque, principalmente na atualidade, na qual a constituição brasileira prevê aborto em apenas casos específicos, como no caso de concepção por estupro, feto anencéfalo ou quando a gravidez oferece riscos para a mãe. Ainda que em situações muito específicas, o grupo “pró vida”, constituído em grande parte por religiosos, não aceitam e tentam derrubar essas exceções ao invés de debater a descriminalização da prática. Isso é preocupante, uma vez que adeptos a esse movimento, tem crescimento considerável na bancada política, responsável por assegurar leis, direitos e políticas públicas. Todavia, a cartilha mostra uma visão diferente, na qual o aborto não é negado, desde que você pague “bem” por ele.

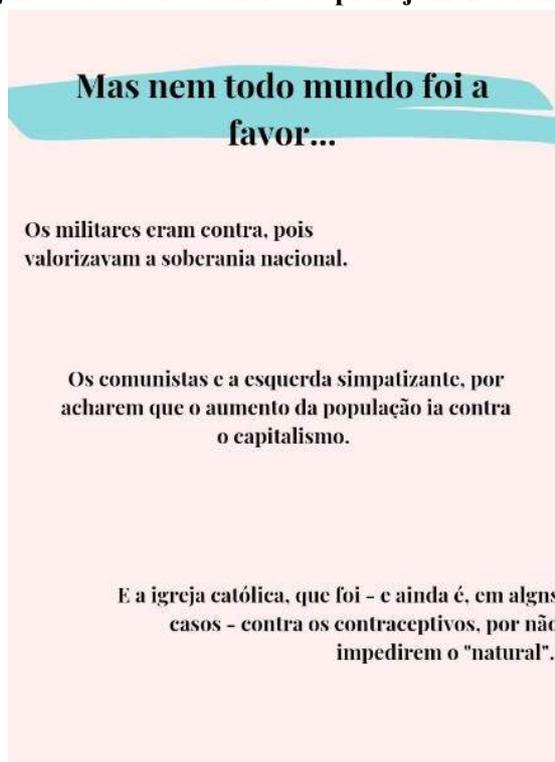


Figura 6. Grupos contra o planejamento familiar



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 7. O aborto dentro do planejamento familiar



Fonte: Elaborada pelos autores.



Silva (2017) aponta que falar sobre o aborto é essencial, uma vez que proibir e criminalizar essa prática, não exime sua existência, apenas faz com que aconteça clandestinamente, causando mais mortes de mulheres do que se a prática fosse legalizada. Outro fator importante é a condição financeira, que permite o pagamento de um aborto em segurança, caso seja este o desejo.

Por fim, a cartilha indica a leitura do livro “Gravidez, nascimento e planejamento familiar” (1994), de Alan F. Guttmacher, que aborda a concepção, principalmente, visando demonstrar pontos de vistas diferentes sobre a maternidade/paternidade e sobre os períodos e incertezas que a cercam; e o documentário “Clandestinas” (2014), que mostra a rotina de mulheres que lidam com abortos clandestinos no Brasil, ressaltando condições financeiras, riscos, motivos e etc. Tais indicações fazem com que o leitor entenda melhor e se aprofunde nos temas com visões completamente distintas: o plano de concepção e a concepção sem planejamento.

Ambas as cartilhas ainda possuem um caça palavras no final, de modo a ressaltar o conteúdo principal abordado e fixar os conhecimentos. Além de funcionar como entretenimento, para que a cartilha não se torne apenas um objeto de leitura.

Sabe-se que, apesar desse material não ser suficiente para entendimento total de temáticas tão complexas, funciona como início desse e um guia importante, para que o assunto não fique de fora da temática e não seja tratada como biológica, apenas.

4 Considerações Finais

Métodos contraceptivos, geralmente, são associados a biologia e a saúde física, no entanto, esses métodos também possuem importância para com o planejamento familiar. Outro ponto importante a ser abordado quando se trabalha educação sexual, são as IST's como elas realmente são. Educar não pelo medo, mas sim pela certeza de que, as IST's também são assintomáticas, sendo essencial cuidado em todas as relações.

A complexidade dos temas merece ser abordado mais vezes, tanto na área da educação quanto na área da saúde, porém sendo trabalhadas enxergando o ser humano e seus desejos. Mais materiais didáticos, que auxiliem profissionais da educação e da saúde no trato com o assunto, também precisam ganhar espaço, principalmente quando este se



trata de um material digital, que possui uma propagação ainda maior e de maior facilidade até mesmo para os jovens.

Por fim, cabe dizer que a cartilha é direcionada ao público adolescente, no entanto, por estar disponível, pode ser acessada por pessoas de quaisquer idades, sendo fácil sua compreensão por meio de imagem e uma linguagem popular. O material produzido trabalha esses temas com delicadeza, de uma forma sucinta, porém, abrangente, trazendo informações consistentes e uma conscientização de que a liberdade sexual também é responsabilidade sexual, sempre atreladas.

Referências

ALMEIDA, Ana Paulo Ferreira de; ASSIS, Marianna Mendes de. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Rev Eletron Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.

ASSIS, Greice Ayra Franco; DE SOUZA, Ediane Eduão Ferreira; BARBOSA, Adriana Gonçalves. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 13662-13680, 2021.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. **Modalidades de pesquisa: um estudo introdutório**. 2018. Disponível em: http://usuarios.upf.br/~clovia/pesq_bi/textos/texto02.pdf

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico da AIDS**. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>

BRASIL, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis - Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. 2021a. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>

BRASIL, Secretária de Atenção à Saúde Primária - Ministério da Saúde. **Principais ações em saúde para prevenção da gravidez na adolescência**. 2021b. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/7196>

CARDOSO, Gilson Oliveira; GIRAFFA, Lucia Maria Martins. O Material Didático Digital na perspectiva da Educação Integral:: pistas para a reflexão. **Revista de Educação ANEC**, v. 43, n. 156, p. 23-38, 2018.

DE OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martino; DE OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa. Novas tentativas de controle moral da educação: conflitos sobre gênero e sexualidade no currículo e na formação docente. **Educação Unisinos**, v. 22, n. 1, p. 16-25, 2018.



FERNANDES, Richard; DE MELO, Iran Ferreira; DO NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira. Um passo a mais para entendermos a leitura crítica: notícia, gênero, sexualidade e educação. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 11, p. 253-279, 2020.

FERREIRA, Luciana Santos; DA SILVA, Maria Graziélle Bossi. Abordagem na educação sexual de adolescentes em ambiente escolar: Relato de experiência. **Textura**, v. 14, n. 1, p. 65-74, 2020. Disponível em: <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/343/307>

KLÖPPEL, Bruna; ROHDEN, Fabíola. Práticas de percepção da fertilidade entre mulheres jovens. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

MARCHEZINI, Rosangela Maria; DE OLIVEIRA, Ricardo; MACHADO, Dilma Aparecida; FAGUNDES, Luiz Jorge; CIOSAK, Suely Itsuko. As infecções sexualmente transmissíveis em serviço especializado: quais são e quem as tem?. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 1, p. 137-149, 2018.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Educação e saúde em disputa: movimentos anti-igualitários e políticas públicas. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180353, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2019.v23/e180353/>

MORIN, Vanessa Lago; LÜDKE, Everton. UMA COMPARAÇÃO DO CONHECIMENTO ESTUDANTIL SOBRE SAÚDE DA MULHER ENTRE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA ZONA URBANA E RURAL. **Vivências**, v. 15, n. 28, p. 50-67, 2019.

MOZZAQUATRO, Caroline de Oliveira; ARPINI, Dorian Mônica. Planejamento familiar e papéis parentais: o tradicional, a mudança e os novos desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 923-938, 2017.

RAMOS, Larissa de Andrade Silva; PEREIRA, Eliel dos Santos; LOPES, Kelvya Fernanda Almeida Lago; FILHO, Augusto Cezar Antunes de Araujo; LOPES, Naiara Coelho Lopes. Uso de métodos anticoncepcionais por mulheres adolescentes de escola pública. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 3, 2018.

SILVA, Jackeline Araujo. SERVIÇO SOCIAL PRESENTE: A luta pela descriminalização e legalização do aborto no Brasil. **Viii Jornada Internacional de Políticas Públicas, Maranhão**, p. 1-12, 2017.

SILVA, Maxwell Ferreira; SILVA, Gabriela Lelis Euzito. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO. **InterSciencePlace**, v. 14, n. 4, 2019.

DA SILVA, Raimunda Magalhães; DE ARAÚJO, Kelly Nóbrega Cavalcante; BASTOS, Lya Araújo Costa; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira. Planejamento



familiar: significado para mulheres em idade reprodutiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2415-2424, 2011.

SILVA, Susanne Pinheiro Costa e; DA SILVA, Thaís Brito; ROCHA, Thaíse de Araújo; GUISANDE, Tatiana Carla Carvalho Amorim; CARDOSO, Andressa de Macêdo; GOMES, Jéssica Lopes; MIRANDA, Hadassa Claudino; DA LUZ, Renata Clésia Viana; GUISANDE, Maria Thereza Carvalho Rodriguez. Saberes e representações de vulnerabilidade para DST/HIV/AIDS por jovens universitárias. **ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 10, n. 31, p. 25-42, 2016.

SCHMIT, Guthieres Mendonça; GONÇALVES, Horrana Carolina Bahmad; SILVA, Jordana Daniella Inez; Soares, Pedro Paulo Dias; VIEIRA, Ricardo da Silva; RIBEIRO, Vanessa; COZAC, Erasmo Eustáquio. Consequências da gravidez na adolescência: uma sociedade conservadora. **CIPEEX**, v. 2, p. 1099-1108, 2018.